

# Assustados testemunhos de estado d'alma: *Caderno Goiabada*

Anna Carolina Deodato (UFRJ)<sup>i</sup>

## RESENHA

RIZZI, Nina. *Caderno Goiabada*. 1. ed. São Paulo: Jabuticaba, 2022.

Cadernos-goiabada, nomeados assim pela escritora Lygia Fagundes Telles, em *A Disciplina do Amor* (1980), são diários escritos por mulheres no final do século XIX e início do XX. Em meio a receitas caseiras, preço de mercadorias domésticas, antes ou depois do passo a passo de como fazer goiabada, despontava uma poesia, pensamentos e desabaços escritos à mão por uma mulher doméstica responsável por cuidar e alimentar a família. Recuperando esses primeiros passos, ainda tímidos, da mulher na vida literária brasileira, Nina Rizzi escreveu *Caderno Goiabada*, publicado em julho de 2022 pela editora Jabuticaba.

Formada em História pela Universidade Estadual Paulista e nascida em Campinas, Nina Rizzi é poetisa, editora e tradutora. Promove o “escreva como uma mulher”: laboratório de escrita criativa com mulheres. A escritora fornecia aulas de escrita criativa a partir do Projeto Arte da Palavra do SESC, proporcionando inclusive oficinas de poesia para mulheres em acampamentos do MST em SP e em escolas, assim como no MST em Fortaleza, onde ela vivia durante a escrita do *Caderno Goiabada*.

A primeira versão de *Caderno Goiabada* foi escrita como piloto para inspirar e estimular as mulheres de suas oficinas. O tema deflagrador é insólito. É a história, contada por uma amiga, sobre um marido que saiu para comprar açúcar para o café e voltou 20 anos depois com o pó, pedindo para coar o café. Iniciando com esse primeiro fato insólito, a produção poética parte do período pós-abandono. Maria, a personagem central adotada por Rizzi, se depara com as dores da solidão, da maternidade solo, o receio da fome, o medo do julgamento. Ainda presa às memórias do marido, Maria se

---

<sup>i</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em literatura comparada no PPGCL/UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3816-4962> | E-mail: [annadeodato@gmail.com](mailto:annadeodato@gmail.com)

dedica a escrever sobre as amargas receitas com café bem forte, assim como o homem desejava, nomeadas assim as “receitas de café que meu benzinho gosta” (RIZZI, 2022, p. 13).

Ao fortalecer sua própria subjetividade por meio da escrita no caderno e pouco a pouco liberta do sentimento opressor imposto por um casamento fantasmagórico, Maria se permite descobrir o amor próprio, o amor entre as mulheres da família, o amor entre mulheres. É quando, finalmente, sente-se pronta para expor as receitas que gosta, doces feitos à base da goiaba, fruta subjugada pelo homem que amava: “Quando eu era bem pequena morava num sítio cheio de goiabeiras, e as minhas primeiras receitas eram de goiaba, mas depois me casei...”; e continua: “As goiabas são frutos bichados, pior que a maçã de Eva” (RIZZI, 2022 p. 36).

Percebe-se que a goiaba é a fruta do pecado capital da narradora. É por meio do seu desfrute que a goiaba projeta autonomia e liberdade para Maria. Rizzi mescla receitas doces, poemas, lições sobre ervas aromáticas e recortes de diários como uma coleção que narra essa trajetória empoderadora da heroína. A sensação que o arquivo transpassa é o resgate do caderno de uma avó, anciã dedicada a construir um legado a ser passado pelas mulheres da família – uma avó sobrevivente que narra sua conquista.

Nota-se nas memórias escritas por Rizzi um certo atravessamento das questões inerentes à jornada feminina. Temas como matrimônio, maternidade, abandono conjugal e trabalho doméstico despontam como gatilhos para, num primeiro momento, desenrolar a escritas dessas mulheres nas oficinas criativas, e, posteriormente, tecer elos de identificação com as leitoras desse material.

Cauterização Goiabada  
pior é quando ele esquece  
e aparece  
- dói o útero, sabe? (RIZZI, 2022, p. 51)

São múltiplas as temáticas e estruturas textuais empregadas por Rizzi para nos apresentar os processos de lutos e de lutas que marcam o inconsciente feminino na nossa sociedade. São receitas produzidas à base de insumos amargos, frios e fortes para ilustrar o período de dor e de abandono, seguidas pelas alegres receitas com goiaba no ressurgimento do ser da personagem. A poetisa explora os limites entre forma e matéria,

percorrendo a subjetividade feminina a tal ponto que se torna complexa a missão de encaixar seu arquivo em algum gênero literário.

Tal encruzilhada elementar desponta no livro *Frutos Estranhos* (2014), da pesquisadora argentina Florencia Garramuño, o qual discorre acerca da inespecificidade na estética contemporânea. Ao investigar *Fruto estranho*, instalação do artista brasileiro Nuno Ramos exposta no MAM do Rio de Janeiro, entre setembro e novembro de 2021, Garramuño (2014) questiona a especificidade da linguagem ao apontar a combinação de elementos na obra do artista: a misteriosa combinação entre música popular, filme e palavra escrita:

Frutos estranhos e inesperados, difíceis de ser categorizados e definidos, que, nas suas apostas por meios e formas diversas, misturas e combinações inesperadas, saltos e fragmentos soltos, marcas e desenquadramentos de origem, de gêneros – em todos os sentidos do termo – e disciplinas, parecem compartilhar um mesmo desconforto em face de qualquer definição específica ou categoria de pertencimento em que instalar-se. (GARRAMUÑO, 2014, p. 11-12)

Ler *Caderno Goiabada* nos causa um desconforto agradável. É como se a poetisa conseguisse a proeza de materializar uma avó, há muito tempo perdida, com todo seu afeto e conhecimento, e a tornasse eterna. Simultaneamente, há o fator surpresa de qual elemento surgirá na página seguinte nos deixando atentos e ansiosos por mais. Finalizado o caderno, fruto estranho gerado por mais de duas décadas por Maria, entra em cena outro hibridismo textual lançado pela escritora: o livro de poemas publicado pela personagem – o livro dentro do livro.

Com efeito, a todo momento Rizzi reforça o gênero poético da sua produção – não como tentativa de encaixá-lo, mas com o possível objetivo de expandir os conceitos normativos do que é ou não poesia. “A poesia e a goiabada já são o centro da minha vida” (RIZZI, 2022, p. 45). “A Poema”, como Rizzi muitas vezes se apresenta ao público, parece furar a bolha dos impasses híbridos apresentados por Ana Kiffer (2018):

A literatura, vocês sabem, a literatura em suas pautas, nos quadriculados dos cadernos do aprendizado da escrita, a literatura em suas jaulas, mas também em seus triunfantes impasses. Sobre eles, digamos: como dizer? Como dizer dos impasses por que passa um campo discursivo? Se pudesse acenar, desenhar, dançar. Mas como, utilizando-se da mesma ferramenta corrompida, ainda assim, tentar furar o muro que nos encerra. Esse com o qual hoje nos debatemos. E, depois, mesmo que diga, como colocar no mundo? Afinal,

publicar, sabe? Como ingressar? Tutoriais? Mas e a criação? (KIFFER, 2018, p. 3)

Aparentemente, a metodologia de criação questionada por Ana Kiffer (2018) em sua pesquisa surge em *Caderno Goiabada* como uma coleção tecida por voz(es) trapeira(s). Toda aquela matéria “antiliterária”, ausente nas grandes narrativas canônicas, é agrupada, classificada e compilada de modo a contar uma história subjetiva e paralela ao leitor. Contar uma história e/ou impactar outras mulheres que, talvez distantes daquele núcleo das oficinas, aproximam-se na complexidade dos dilemas vividos, migrando da posição passiva de leitoras para participantes ativas.

Percebe-se que Nina Rizzi transforma seu caderno goiabada numa obra instalação. Nos recorda a todo momento se tratar de uma produção poética, mas que engloba muitas formas de afeto que cabem numa mulher para além da figura masculina. Cada recorte da escritora, como a relação com a natureza, a cura por meio das plantas, o ato de cozinhar e instruções de saúde – cada ato de afeto – possui uma linguagem específica para falar com a alma de quem lê. Não é mais um legado para mulheres unidas por laços sanguíneos: é legado para todas.

Assim, o livro pode ser visto como uma forma de extensão da vida política da escritora, organizada com o propósito de dar voz às mulheres anônimas, agrupar e arquivar memórias que, sem o trabalho da palavra, não seriam transmitidas ao longo do tempo. É uma forma, ainda, de promover a cura dessas mulheres por meio das palavras, o fortalecimento pós-traumas causados pela vida em uma sociedade tão desigual, especialmente para mulheres ativas no MST – movimento que constantemente precisa reafirmar sua existência e resistência contra a política dos comuns e as práticas hegemônicas.

Quanto ao hibridismo, ao construir um arquivo pautado na coleção do resgate das memórias, registro de trechos do cotidiano, fragmentos poéticos, simpatias, saberes populares e receitas culinárias, Nina Rizzi determina a dissolução entre gêneros textuais. O rompimento das fronteiras resulta num trabalho único. É uma forma de literatura em campo expandido, rejeição das categorias canônicas que atravessa diversas áreas e disciplinas, possibilitando diálogo com campos como a gastronomia, a memória social, a crítica feminista, a antropologia e outras manifestações das ciências sociais.

Desse modo, *Caderno Goiabada* destaca-se não somente pelo papel social que apresenta ao dar voz a mulheres silenciadas e subjugadas – é um arquivo que ignora

noções pré-concebidas do que seja “ficção” e “realidade”, ou “interior” e “exterior”. Diversas possibilidades de leituras futuras surgem, como a política dos comuns nas oficinas de escrita, uma análise aprofundada acerca das preparações gastronômicas inseridas no arquivo e outras com grande potencial analítico e de contribuição aos estudos literários contemporâneos.

## **Referências**

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

KIFFER, Ana. O rascunho é a obra: o caso dos cadernos. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, nº 55, p. 95-118. set./dez.2018. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/15626/13927>. Acesso em: 10 de out. de 2022.

RIZZI, Nina. *Caderno Goiabada*. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2022.

Recebido em: 06/11/2022

Aceito em: 14/11/2022